A MENINA DOS OLHOS PARDOS.

FIM.

Helena antes que o medico tomasse lugar á mesa, apertou-lhe a mão, murmurando :

— Obrigado !

Leandro estremeceu sentindo o contacto e ouvindo a voz de Helena. Abrio-se-lhe nos labios um sorriso, e foi jogar com o capitão, que já estava de copo em punho.

VII.

Foi paga integralmente a divida de Moraes que não andava por grande cousa, posto assim o parecesse ao capitão cujos haveres eram nenhuns.

Este facto estreitou mais se era possivel, a amizade dos dois paes.

Os dias corrêram lentos para Helena que esperava o amante. Mas justamente no fim do tempo appareceu outra carta de Valentim dizendo ao pae que ainda por lá se demoraria. De Helena não dizia palavra. No fim da carta perguntava-lhe amigavelmente se, tendo encontrado em S. Paulo uma moça que lhe agradou, consentia o pae no casamento d'elle.

O primeiro movimento de Leandro foi de alegria; o tal casamento vinha perfeitamente a proposito. Casado o rapaz, ficava-lhe o campo livre. Mas Leandro reflectio depois e lembrou-se de que sendo elle senhor do segredo dos dois, por confidencia de Helena, cumpria-lhe fazer algum esforço, ainda que apparente, para desfazer o projecto de casamento em S. Paulo.

Não quiz porem fazel-o sem communicar a Helena o conteudo da carta do filho.

— Que lhe diz elle? perguntou Helena a Leandro quando este lhe disse ter recebido carta de Valentim. Quando volta?

— Não sei, respondeu Leandro.

— Pois elle não lhe falla n'isso? perguntou Helena cada vez mais anciosa.

— Não; nem falla em ti. Isto de rapazes, são os mesmos; aquelle é meu filho e eu não deixo de accusal-o porque merece. O que eu creio é que o pequeno achou por lá alguma cousa que o distrahio... algum namoro...

— Isso não! respondeu Helena.

— No entanto, é possivel... Os rapazes não são seguros; dois olhos fazem esquecer outros dois com a mesma facilidade com que o dia de hoje faz esquecer o de hontem, e o de amanhã fará esquecer o de hoje.

— A mim, o que me espanta é não marcar dia da chegada. Dar-se-ha que venha sem ser esperado.

Leandro abanou a cabeça.

Helena fitou o medico; depois faiscáram-lhe os olhos como se alguma idéa lhe surgisse; sorrio alegremente e disse:

— Adivinhei!

— O que?

— Valentim já chegou.

— Quando?

— Hoje.

— Hoje, não; nem amanhã, nem sei quando...

— O doutor quer enganar-me: elle esta ahi... Mostre-me a carta d'elle. Só vendo, accreditarei.

Leandro tirou a carta do bolso e entregou-a á moça; foi esquecimento ou proposito o de dar a carta em que Valentim fallava de um casamento? Não estou informado a este respeito; mas o certo é que entregou a carta.

Helena abrio-a, e leu as primeiras linhas.

— É isso, é, respondeu ella tristemente.

E ia dobrando a carta para restituil-a ao medico, quando os olhos cahíram por acaso n'uma phrase que indicava o casamento. Abrio outra vez a carta, leu-a com febril agitação, deu um grito e cahio.

Acudio a preta que a servia, e o pae que se achava na sala de jantar.

Conduzida para o quarto, Helena recebeu os primeiros cuidados medicos de Leandro, que n'essa noite não dormio e achou conveniente velar pela doente.

O capitão acompanhou-o n'esse acto.

Só no dia seguinte é que Helena voltou a si; Leandro não a achava ainda fóra de perigo; começou um tratamento rigorosissimo.

VIII.

Poucos dias depois, começára a convalescencia de Helena, quando Leandro recebeu uma carta da tia de Valentim, dizendo-lhe que não comprehendia o rapaz, — porque passava os dias a chorar e não se queria ir embora.

Será alguma paixão? perguntava a tia.

Leandro releu a carta sem comprehender; por que motivo, Valentim deixára a corte nas vesperas do casamento e ia chorar na provincia deixando a felicidade cá?

Não podia atinar com o mysterio.

No entanto, resolveu escrever ao filho, ordenando-lhe que viesse immediatamente para a corte.

A carta partio de manhã.

Á noite, estando no gabinete a pensar no mysterio de Valentim, pegou no retrato de Helena.

Lembrou-lhe repentinamente o grito que ouvira quando uma noite estava na mesma posição contemplando a effigie da moça.

Comprehendeu tudo.

N'um só momento a alma de Leandro soffreu uma revolução; envergonhou-se de ter obstado assim á felicidade do filho; envergonhou-se do sacrificio espontaneo de Valentim; e todo o amor que sentia pela filha do capitão converteu-se em affectos paternaes.

Leandro esperou anciosamente o filho. No entanto, tratou de tranquillisar a moça, dizendo-lhe que a historia do casamento era uma invenção para pôr á prova o amor d'ella.

— Não precisava isso, disse Helena.

Helena foi-se restabelecendo.

Dez dias depois chegou Valentim.

— Aqui estou! disse elle depois dos primeiros abraços. Que me quer meu pae?

— Quero que te cases com Helena que está a tua espera.

— Mas eu fallei-lhe n'outro amor...

— Eu mando!

Valentim olhou espantado para Leandro. Comprehenderia? Não sei : o que todos sabem é que dois mezes depois estavam casados e um anno depois Leandro e Moraes esqueciam o gamão para brincar com o primeiro neto.

O qual neto não foi o ultimo.

OTTO.

CONTOS MACAHENSES.

FUNESTO DESENGANO.

I.

Erão dois.

Elle — baixo, gordo, vermelho e jovial, mas coroado, como de brancas nuvens os pincaros dos montes, por cabellos brancos.

Ella — alta, magra, pallida e melancolica, mas sentindo pulsar no peito o seu coração com o fogo dos vinte annos.

Elle — máo grado a sua idade, trajando de branco, com gravata de crochet, e caprichando em andar com passo firme e ligeiro.

Ella — vestindo um branco vestido de escossia, tendo apertada a cintura por um cinto de seda preta, e caminhando lenta e graciosamente.

Ambos passeiavam e conversavam sorrindo. Dir-se-ia um pae e uma filha, que regozijavam-se por algum feliz acontecimento.

Mas quem tal pensasse enganára-se.

II.

Gaspar da Silva (assim chamava-se o homem) era um d'esses velhos amantes d'esta vida, que não pensam *na melhor* e que só cuidam em gozar.

Deixando-se cegar na juventude pela avareza, passára essa quadra, em que os erros são desculpaveis, com a gravidade do velho.

Accumulára grossas sommas, tornára-se summamente rico, mas, não obstante, merecia o epitheto de *pobre homem*.

Com effeito, pobre era elle de espírito. Quem, por um thesouro inutil, sacrifica a alegria, que é felicidade?

Gaspar perdêra pois os dias de gozos; vendo-se porém perto do tumulo e sem parentes, arrependeu-se da vida que levára até ahi. Tornou-se um velho folgazão e amigo das aventuras amorosas.

Acceito em toda a parte — por seu dinheiro — persuadia-se que o era pela sua gentileza. Contava grande numero de namoradas, ás quaes frequentemente dirigia cartas perfumadas e poesias eróticas, cuja linguagem era vehemente e enthusiastica como a da mocidade.

Era esta a disposição de sua alma, quando apaixonou-se seriamente por Julia, a gentil deidade com quem encontramol-o passeiando. Começou a insinuar-lhe que amava-a e em breve chegou a confessar-lhe o seu amor n'uma poesia que terminou assim :

Sob as camadas de neve
Póde existir um volcão,
Como no peito d'um velho
Um ardente coração.

Acceita, pois, ó donzella,
Meu sincero e puro amor,
Que, se o meu rosto alterou-se,
Meu peito conserva ardor.

III.

Bem cedo perdêra Julia a seus paes e fôra para a companhia d'uma velha quinquagenaria, sua avó.

Ahi, desde creança, conheceu ao Sr. Gaspar da Silva, que com ella brincava e, sempre que apparecia, trazia-lhe doces e brinquedos.

Mas o tempo corre e tudo muda. A menina transformou-se em moça, o moço-velho em velho-moço e a velha deixou de existir.

Gaspar da Silva, apesar do fallecimento d'esta, continuou a frequentar a casa e cada vez com mais assiduidade. Já não tratava porém a Julia como um homem idoso a uma moça, mas sim como um joven apaixonado á sua bella.

Julia logo percebeu a transformação operada no seu antigo fornecedor de doces e resolveu animal-o com palavras ambiguas, afim de ver até onde iria. Depois de, pouco a pouco, ir ganhando terreno, ora suspirando, ora desfazendo-se em elogios á sua belleza e bôas qualidades, fez-lhe a declaração final positivamente e pedio a sua mão.

Julia, sorrindo-se, prometteu mui breve dar-lhe a resposta exigida e Gaspar retirou-se contentissimo.

IV.

Após uma semana, durante a qual o velho namorado vivera ardendo em impaciencia, batêram-lhe á porta e um rapaz entregou-lhe uma carta perfumada.

Imaginem os leitores, se pódem, a alegria que experimentou Gaspar conhecendo no sobrescripto a lettra de Julia.

Pulando, batendo palmas e apertando convulsivamente a carta sobre o coração, passou elle mais de uma hora, como se d'antemão soubesse o seu conteúdo.

Oh! nunca em sua vida sentira uma alegria tão profunda, tão sincera! Como não ficaria, pensava elle, caminhando ao lado de uma bella moça de vinte annos, que era sua noiva! Como não se envergonhariam tantos rapazes, que debalde procuram uma esposa, vendo-o, já em vespera de viajar para o *outro mundo,* conduzir ao altar Julia, que já tinha repellido alguns d'elles! Assim reflectindo, Gaspar deixára cahia no chão a carta que recebêra.

De repente, uma idéa atravessou-lhe o espirito. Terrivel devia ser, pois rapidamente atirou-se á carta, abrio-a e leu-a.

V.

Agradavel não era por certo a carta que recebêra o Sr. Gaspar da Silva, pois não luzio em seu rosto nenhum signal de alegria.

Fechou-a machinalmente e ficou por muito tempo reflectindo.

Emfim fez um ligeiro movimento e exclamou :

— Quem sabe se não é para dar-me resposta satisfactoria que me convida? Porque esse immaturo desespero? Talvez queira ella dar-me maior prazer com a subita resposta que eu desejo...

E de novo tomou a carta e leu-a.

Era este o seu theor :

« Ao seu bom e velho amigo o Sr. Gaspar da Silva, convida para chegar á sua casa no dia..., ás cinco horas da tarde, a

« Sua constante serva,

« Julia F. »

VI.

Chegára finalmente o dia designado para a *entrevista* de Julia e Gaspar da Silva.

Desde que amanhecêra, cuidava elle em preparar-se para n'essa occasião tornar-se deslumbrante.

Mandára fazer a barba, cortar o cabello e penteiar-se por um afamado barbeiro e cabelleireiro do lugar.

Vestíra uma calça branca lavada e engommada, um collete de casimira côr de vinho e uma casaca preta. Ao pescoço amarrára uma gravata de seda encarnada.

As rugas do seu rosto mal se percebiam; quasi tornára-se em verdade moço e bonito !

Despejou no lenço um vidro de frangipane, pôz uma *quartola* na cabeça, fechou a casa e pouco depois batia á porta da sua pretendida noiva.

VII.

— Sr. Gaspar da Silva, dizia-lhe Julia d'ahi a cinco minutos, pedi-lhe o favor de chegar á nossa casa para dar-lhe um incommodo.

— Então... não é... não é... para..., resmoneou elle maravilhado.

— Para o que? perguntou Julia.

— Para... e calou-se, reparando que ella estava em trajes de noiva.

— Mas... que vejo? accrescentou depois.

— Senhor Gaspar da Silva, disse Julia, convidei-o a vir á nossa casa para rogar-lhe o obsequio de ser testemunha do meu casamento com o Sr. Ernesto da Silveira.

Um raio que cahisse aos pés do pobre velho não lhe causaria maior abalo do que estas palavras de Julia. Enrubeceu subita e excessivamente, cambaleou e cahio ao chão fulminado por uma apoplexia.

VIII.

Ernesto da Silveira era um primo de Julia, estudante do quinto anno de medicina.

Desde pequenos amáram-se os dois moços com um amor sincero e paciente.

Aguardava Ernesto a conclusão dos seus estudos para então ligar-se á sua prima pelos vinculos do matrimonio; mas a repentina morte de sua avó decidio-o a effectual-o immediatamente, aproveitando-se das férias que lhe eram concedidas.

Foi pois determinado o dia do seu casamento, e Julia, esquecendo-se, em virtude da sua alegria, do pedido do velho, convidou-o para testemunha.

Já sabem os leitores o que aconteceu. O Sr. Gaspar da Silva cahíra fulminado por um ataque apoplectico.

Julia e Ernesto, que tinham tudo preparado para esse dia, e dado parte a todos os seus conhecidos da realisação d'essa ceremonia, partíram para a Igreja commovidos, deixando Gaspar entregue aos cuidados d'um bom medico e d'uma criada cuidadosa.

Quando voltáram — esposos — o Sr. Gaspar da Silva não era mais d'este mundo.

UM NAUFRAGIO.

I.

Era noite.

Um navio estrangeiro, aproveitando o claro luar e o vento favoravel, singrava o mar em direcção ao Rio de Janeiro.

Sentados ao redor d'uma mesa, os passageiros conversavam, riam e cantavam.

De repente o céo começou a escurecer, o vento foi crescendo a mais e mais e apparecêram no horizonte signaes evidentes de uma tremenda tempestade.

Com effeito, relampagos scintillavam a cada instante, até que um medonho trovão ribombou, aterrando a todos.

Uns tremêram de mêdo, outros ficáram carrancudos, outros ainda principiáram a rezar, emquanto as creanças choravam e gritavam.

II.

De novo um terrivel fusil illuminou a amplidão dos mares, ouvio-se uma detonação immensa, semelhante a uma descarga de artilheria, e um raio cahio na prôa do navio.

Redobráram os gritos de angustia, os chôros, e uma voz rude, tão poderosa que dominou a vozeria dos passageiros e a celeuma dos marinheiros, bradou :

— Fogo a bordo.

Antes de dar o commandante qualquer providencia, um forte e duradouro tufão despedaçou as velas do navio e trouxe-o n'uma carreira vertiginosa até as ilhas de Sant' Anna.

— O navio arde e faz agua, exclamou o mesmo marinheiro, que anteriormente noticiára haver fogo a bordo.

— Escaler ao mar, ordenou o commandante; mettam-se dois de vocês n'elle, disse aos marinheiros, e prendam um cabo á terra.

III.

Rapido como o raio cahio o bote dos turcos, saltáram n'elle dois marinheiros e o cabo foi amarrado em terra.

Então, por ordem do commandante, alguns passageiros, segurando-o com as mãos, tentáram abordar a uma das ilhas.

Desgraça! Eis que o cabo arrebenta, mal chegam elles ao meio, e são levados pela correnteza.

Destemidos, os marinheiros do escaler procuram salval-os, mas um novo tufão vira a embarcação e os seus tripolantes têm a mesma sorte d'aquelles a quem queriam salvar.

Entretanto o navio estava completamente submergido na prôa e o incendio lavrava com intensidade.

Agrupados na pôpa, os passageiros tremulos e chorosos, olhavam para o commandante, que conservava-se mudo e exprimia no seu semblante profundo pezar.

— Tudo está perdido, proferio elle por fim, como se fôra o destino; só resta encommendarmos nossas almas a Deus.

Um clamor ingente levantou-se a bordo e logo após todos cahíram de joelhos, implorando a divina misericordia.

Tinham ainda esperança!

IV.

N'esse momento avistou-se a um kilometro de distancia um navio que navegava em direcção ás ilhas.

Repentinamente ouvio-se outra detonação e a maior parte dos desgraçados actores d'esta tragedia saltáram ao ar.

Era um barril de polvora esquecido que tinha feito explosão.

Ah! antes tivessem todos morrido n'ella. O fogo já estava a dois metros do lugar onde estavam os infelizes e o navio que tinham visto desapparecêra.

V.

Então, d'entre todos os mais, distinguio-se uma mulher moça e formosa, que com as mãos postas e os olhos nos céos, supplicava soccorro.

Todos esquecêram-se da sua situação para contemplal-a.

Oh! quão triste e bello era ver essa moça pallida, tremula de emoção, com os seios palpitantes e a voz sumida, invocando a intervenção da Virgem Mãe de Christo!

É o homem rude que mais compadece-se da alheia desgraça; e pois um marinheiro arroja-se á porta da camara do commandante, que já ardia, arranca-a, precipita-a no mar, convida a moça a que faça o mesmo, offerece-lhe a taboa e, nadando, arrasta-a para a ilha proxima.

Coitado! Deixando-se guiar tão sómente pelo coração, não reflectíra que era grande a distancia a vencer e que já estava fatigado. Em bem pouco tempo cançou e desappareceu da superficie d'agua.

O navio já tinha sido devorado pelas chammas e os seus habitantes morrido, queimados ou afogados, e ainda a pobre moça, agarrada á taboa, boiava sem destino.

Assim passou-se a noite: muitas vezes a misera vio-se á pequena distancia da praia, mas essa mesma vaga que a trazia levava-a de novo para o alto mar.

VI.

No dia seguinte, quando o sol vinha surgindo no horizonte, a desgraçada moça, fatigada, não mais podendo sustentar nas mãos a taboa de salvação, tinha-se submergido.

Muitas horas rolou o seu cadaver nas praias, até que emfim, chegando lanchas e canôas, mandadas de Macahé para salvar o que fosse possivel, sepultáram-na.

. . . . . .

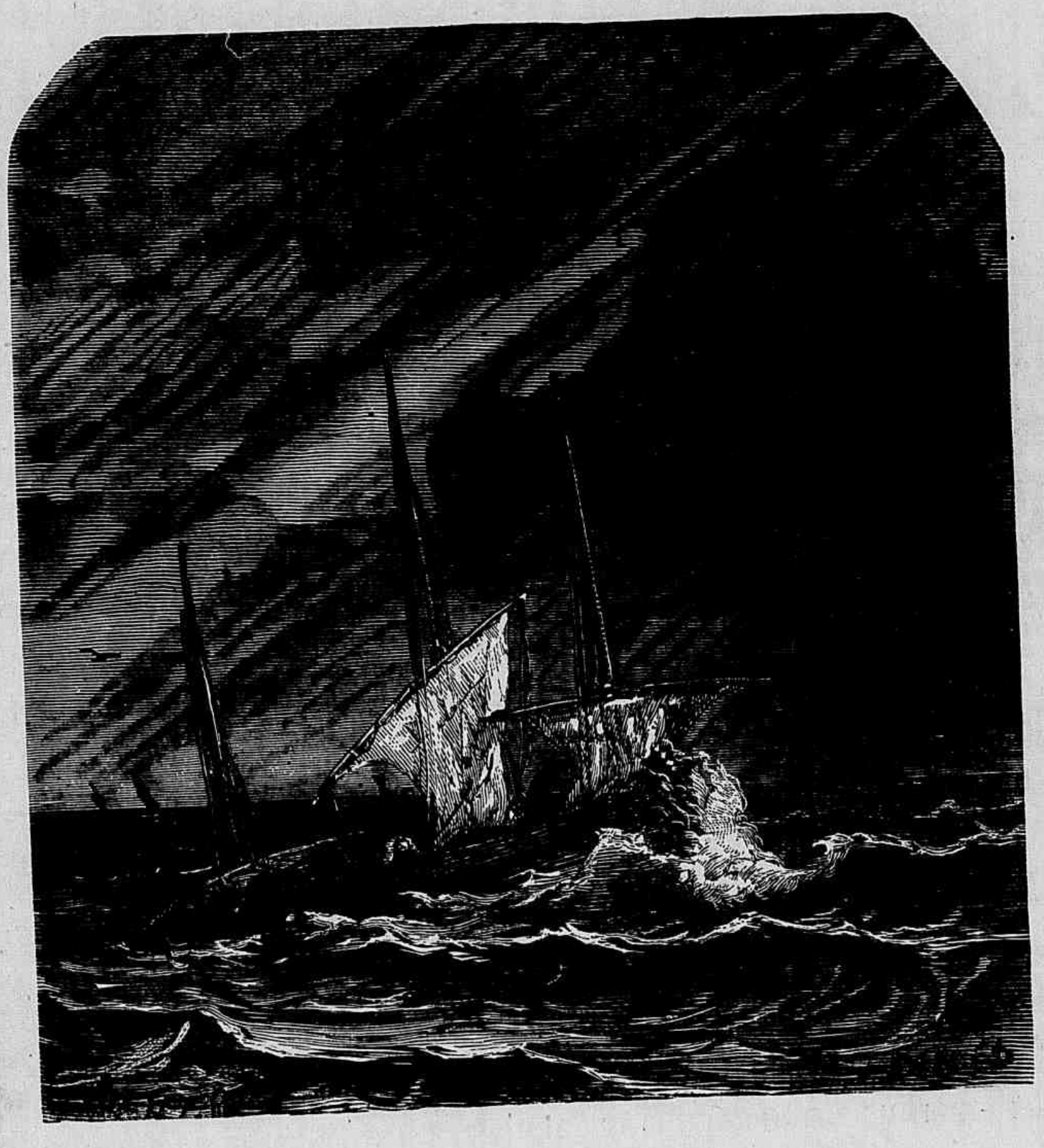
Ainda hoje, alta noite, dizem alguns pescadores, vê-se uma sombra vagando pela ilha de Sant'Anna, situada no meio, e ouvem-se canções tão tristes, tão melancolicas, que introduzem a tristeza nos mais joviaes corações.

Depois ouvem-se soluços, palavras entrecortadas e... mais nada.

Disse-me uma velha que essa sombra é a alma da desditosa afogada, que, não podendo entrar no céo por falta de confissão, anda penando no lugar da sua morte.

Ó vós, leitoras, que sois bôas e caridosas, orai por *ella*.

L. L. FERNANDES PINHEIRO JUNIOR.



UM DUELLO.

No lindo e pittoresco bairro de Botafogo existe uma casinha de tão poetica apparencia que attrahe a attenção de todos os que a vêem.

Ha 30 annos que alli fixou residencia, por occasião de seu casamento, o senhor Alberto Larmim e ha 18 que Deus lhe concedeu uma filha a quem pôz o nome de Palmyra com grande escandalo de todos os seus amigos que achavam o nome heretico e capaz de por si só obstar a salvação da criança.

Maria, diziam elles, é o nome que lhe compete por ter nascido no dia de Nossa Senhora da Gloria. A despeito dos clamores ficou chamando-se Palmyra o que lhe não impedio de ser um composto de graça e de bondade.

Essa menina, hoje uma moça, é o unico consolo de seu pae depois que o cholera-morbus arrebatou-lhe sua mulher, a boa Eugenia de Larmim, com quem se uníra na linda casinha de que acima fallamos.

Quando estudante de direito em Coimbra ligára-se intimamente com um collega chamado Pedro Gil. Quando findáram seus estudos e foi-lhes preciso separar-se, tiveram uma sincera dôr. Protestáram escreverem-se reciprocamente de qualquer ponto do globo que habitassem.

Poucos mezes depois de sahirem de Coimbra teve Pedro Gil de ausentar-se de Portugal para acompanhar sua mãe a Baden-Baden para onde a mandavam os medicos afim de recuperar a saude.

Durante a ausencia de Pedro veio Larmim para o Brazil como lugar onde melhor poderia exercer a sua profissão. Antes de partir escreveu porém a Gil indicando-lhe o lugar para onde poderia endereçar-lhe as cartas.

A pouca regularidade dos correios obstou porém que por espaço de trinta annos um recebesse as cartas do outro; o que os fez accusarem-se reciprocamente d'ingratidão.

O estabelecimento da linha dos vapores em 1850 veio reviver em Larmim a esperança de obter alguma informação relativamente a Gil.

Baldadas foram porém todos os esforços tentados para esse fim; apenas colheu o resultado de saber que Gil não voltára mais a Portugal, nem sua familia.

Quando Palmyra, com o enthusiasmo da mocidade, fallava em suas amigas do collegio e na amizade que lhes tinham, o bom Larmim suspirava, e dizia tristemente:

« Não creias em amigas de collegio, minha filha, quando ellas te protestarem muita affeição; lembra-te que Gil ha bons trinta annos que não me escreve apezar das juras que me fiz. Elle já se não lembra de mim.

« — Ora meu pae, dizia Palmyra, quem sabe si elle não o accusa tambem d'ingratidão. Terá elle recebido as suas cartas?

« — Não sei, menina, talvez que tenhas razão, mas parece-me impossivel que se elle se esforçasse por saber de mim, como eu tenho feito para saber d'elle, os nossos mutuos esforços não chegassem alfim a se encontrarem. É mais uma desillusão !... paciencia ! »

Entre o pae e a filha repetia-se frequentemente este dialogo e acabava sempre por um suspiro de Larmim e alguma aria cantada por Palmyra no intuito de distrahil-o.

Um dia estando Larmim ainda deitado ouvio sua filha bater na porta de seu quarto dizendo-lhe com emoção: meu pae! meu pae! aqui está o jornal, escute! venha cá!

« — Não tenho pressa de lel-o, menina, salvo se trouxer a noticia da paz com o Paraguay.

« — Traz uma noticia de paz mas é de qualidade que só interessa a Vmcê.

« — Que genero de paz é essa menina?!

« — É uma reconciliação, meu pae. Venha ler e veremos se não fica ainda mais enthusiasmado do que eu.

« — Já vou; respondeu Larmim. »

Vestio-se apressadamente e chegando ao pé de sua filha perguntou-lhe: « então qual é a grande novidade? »

Palmyra em resposta apontou-lhe para um annuncio do Jornal no qual seu pae leu o seguinte.

« Pedro Gil pede a qualquer pessoa que souber noticias de seu amigo « Alberto Larmim vindo ha 30 annos para o Brazil o favor de dirigir-se « ao Caminho velho de Botafogo nº ... para dar-lhes as informações « que puder. »

O excesso da alegria tolheu a voz a Larmim por espaço talvez de dois minutos.

Palmyra não comprehendendo o silencio de seu pae quando esperava uma explosão d'alegria perguntou-lhe com anxiedade: então? o que é que tem? não está contente?

« — Felizmente! exclamou Larmim recuperando a voz, eu vou abraçal-o, e já. Hoje mesmo hei de trazel-o aqui para jantar comnosco. Trata de preparar-nos alguma cousa que nos honre. » Dizendo isto foi para o seu quarto onde vestio-se apressadamente e foi para a casa indicada aonde o recebeu uma criada portugueza que se escusou de il-o annunciar a seu amo em razão, dizia ella de estar ainda dormindo.

Larmim começou por assegural-a de que elle era da intimidade de seu amo, mas ella que, durante os vinte annos que estava ao seu serviço, nunca o vira, foi d'uma invencivel incredulidade.

Larmim perdendo a paciencia afastou a gorda Magdalena para um lado e entrou pela casa em busca do desejado e dorminhoco amigo apezar dos puchões que ella lhe dava nas abas do paletot dizendo com uma voz que procurava tornar firme: « Isto é um abuso, senhor, va-se embora! va-se embora! senão eu chamo gente. »

Larmim surdo a tudo isto abrio a porta d'um quarto que julgou ser o de Pedro Gil e n'elle entrou. Alli com effeito achou o seu amigo, que logo reconheceu por ter conservado todos os traços de sua mocidade, que se preparava para ir inquirir a causa d'este insolito barulho.

Vendo entrar um desconhecido em seu quarto, correu Gil para uma secretaria em cima da qual estava uma pistola e empunhando-a disse ao atrevido; « si adianta um passo morre. »

Larmim deu uma gargalhada e assentou-se na primeira cadeira que encontrou dizendo-lhe com grande calma apparente: É para me matares que desejas saber se ainda vivo?

« — Quem sois vós? perguntou Gil depositando a pistola sobre a cama.

« — Eu sou Alberto Larmim que não podendo remetter para mais tarde o desejo d'abraçar-te aqui vim logo que vi o teu annuncio, apezar da impropriedade da hora e comica resistencia da tua gorda criada. »

Não tinha ainda acabado a ultima palavra quando Gil se lhe lançou nos braços.

Magdalena, cega de raiva e medo, vendo Larmim abrir a porta do quarto de seu amo, havia corrido ao do menino, como ella chamava ao joven Guilherme, filho de Pedro Gil, e que ella amamentára, para que fosse acudir a seu pae que tinha um ladrão no quarto emquanto que ella ia chamar a autoridade.

Guilherme, mal comprehendendo o que lhe diz sua ama, levanta-se e corre ao quarto de seu pae armado d'uma espingarda e entre n'elle como um raio.

Qual não foi porém o seu espanto ao encontral-o abraçado com o supposto malvado !!

Eis o ladrão, meu filho disse Gil, apresentando Larmim a Guilherme, que estava envergonhado de ter uma arma na mão, que parecia-lhe augmentar de volume a medida que o tempo se passava.

É o meu tão desejado Larmim.

O moço escondeu envergonhado a espingarda que trouxera e foi depois abraçar o amigo de seu pae manifestando-lhe o prazer que tinha em conhecel-o e em ver assim preenchido o maior desejo de seu pae.

No meio d'estas manifestações ouviram um grande rumor de vozes de pessoas que subiam a escada, guiadas pela gorda Magdalena que dizia com o accento proprio da sua nação : é aqui..., é aqui..., foi n'este quarto..., cerquem a porta... olhem que elle não vá fugir !

Uma estrepitosa gargalhada acolheu a pobre ama, o inspector do quarteirão e os soldados que ella tinha ido chamar.

Muitos agradecimentos foram dados á autoridade pela sua solicitude, e depois d'uma breve explicação do occorrido ella se retirou satisfeita do desfecho feliz d'esse susto singular.

Magdalena com a familiaridade que tinha na casa, sentou-se para se tranquillisar, e disse tomando uma larga respiração : Que susto, grande Deus ! Porque me não disse logo que era o Sr. Larmim cujo nome ha vinte annos que me persegue na boca de meu amo.

« — Eu quiz fazer uma sorpreza ao meu amigo; respondeu Gil.

« — Arrenego de tal sorpreza, disse Magdalena irada. Fazer-me correr assim !! Valha-me Deus! Máo dia hoje.

« — Está bem Magdalena atalhou Gil ide cuidar no almoço e esquecei-vos d'isso.

« — Eu vou, meu amo, mas não posso perdoar a aquelle senhor que alli está o susto que me pregou.

« — É o amigo de meu pae, mãe Magdalena, disse Guilherme, impellindo-a docemente para fóra do quarto a fim de pôr um termo a seus queixumes, vá preparar-nos o almoço e desdobre n'elle todo o seu saber culinario.

Magdalena sahio do quarto mas assim que se julgou assaz distante para não ser ouvida, fez uma cruz com os dedos na direcção em que estava Larmim dizendo : Cruz demonio! eu te arrenego! entrar n'uma casa assim com ares de capitão mata-mouros! credo! só no Brazil é que eu havia de ver uma cousa assim. Emfim, disse ella suspirando, já que meu amo ainda lhe quer dar de comer por cima d'isto tudo, vamos acabar o almoço que esse maldito me obrigou a interromper para que fosse incommodar a meio mundo para se rir de mim. Que terra santo Deus ! E dizer que aquillo é portuguez !! Valha-me Deus e Nossa Senhora da Victoria. »

Larmim depois de sahir Magdalena do quarto disse para Gil : acceito o teu almoço com a condição porém que irás com teu filho jantar hoje commigo ; pois minha filha nos espera e quero ter a satisfação de apresentar-lhe o teu sympathico Guilherme.

De todo o coração acceito o teu convite, respondeu Gil, pois quero me indemnisar n'este ditoso dia dos longos annos de forçada separação que tivemos.

Poucos momentos depois d'estes reciprocos convites veio Magdalena, não sem lançar um olhar obliquo sobre Larmim (que desfarçadamente ria-se da sua santa indignação), participar que o almoço estava na mesa.

Durante a refeição contáram-se os esforços que reciprocamente haviam feito para saberem noticias um do outro, o como se haviam casado, contáram suas magoas, seus prazeres, e disseram com sinceridade as recriminações que se haviam feito.

Pedro Gil disse por fim que tenho enviuvado havia pouco mais d'um anno e tendo seu filho acabado os estudos d'engenharia civil, elle se dirigira a Portugal afim de inquirir pessoalmente de Larmim, e que alli só pudera saber que ha 30 annos havia-se embarcado para o Brazil e que n'elle ainda se achava. Desejoso d'encontral-o e sabendo quão facilmente seu filho acharia emprego n'essa terra como engenheiro, elle para aqui viera d'onde agora não pretendia mais sahir.

Prolongáram a conversa n'esse tom até ás 4 da tarde, hora em que Lar-

mim sahio com Gil e seu filho em direcção á sua pittoresca chácara do Berquó onde os apresentou a Palmyra que com aquella graça e gentileza que lhe eram familiares, testemunhou a Gil toda a satisfação que tinha em conhecer o grande amigo de seu pae.

O jantar foi animado pela troca de novos protestos d'amizade que se fizéram os dois velhos e pela espirituosa conversa que encetáram os dois moços entre si.

Quando Gil quiz retirar-se foi Larmim conduzil-o até ao portão da chácara e alli ao despedil-o fez uma exclamação como de quem se recorda d'uma cousa que esquecera; bate com a mão na testa e diz a seu amigo:

« É verdade Gil tenho de pedir um favor a ti e a teu filho.

« — Estás servido d'antemão, respondeu Gil. O que é que queres?

« — Que amanhã ás dez horas do dia estejas aqui com teu filho para me servirem de padrinhos n'um duello que tenho de ter com um vizinho meu.

« — Um duello? exclamou Gil.

« — Um duello, sim, retorquio Larmim, e então? que ha n'isso de tão extraordinario para um espanto igual? Dir-se-hia que o Lopes assestou todas as suas baterias contra ti.

« — Na tua idade Larmim, e com uma filha?! é rematada loucura.

« — Sera talvez uma loucura, mas é nobre.

« — Nobre! nobre! disse Gil, eis o palavriado dos que se querem bater. O costume do duello é um costume barbaro, e por isso ainda hoje eu o considero só proprio dos que julgavam em sua ignorancia que Deus presidia a elles; mas nós praticarmos no seculo XIX um tal acto de barbaria?! não tem explicação.

« — Qual acto de barbaria contrario ao seculo das luzes; então como quererias tu que eu me vingasse d'uma injuria? Achas que, á guisa dos Japonezes devêra, quando offendido, ir para casa cortar a propria barriga, enquanto que meu adversario fizesse outro tanto na sua?

« — Não, mas o que eu quero é convencer-te que não devemos fazer justiça por nossas mãos, e que o homem só deve reconhecer por senhor e regra a lei e o magistrado.

« — Deixa-te d'isso Gil, o duello é um acto de nobreza, e tanto é assim que havia outr'ora em França uma companhia de *gendarmes* que não admittia ninguem em seu seio que se não tivesse batido ao menos uma vez ou promettesse bater-se no anno da sua entrada.

« — Esta idéa é falsa, Larmim, não ha nobreza em bater-se embora o motivo seja honroso. Recorre á lei e ella te fará justiça.

« — Esta tua prudencia cheira a ranço de Coimbra a cem leguas de distancia, e parece-me ver em ti um capitulo do Digesto que juntos estudamos. Si me demoro mais tempo aqui perco a coragem de bater-me amanhã como é preciso. Adeus. Dizendo isto foi-se para dentro sem attender ao chamado de Gil que ainda queria ver se o convencia.

« — Meu pae, disse Guilherme indo pelo caminho, porque quer convencer a seu amigo de não bater-se? se elle foi offendido, é de sua honra.....

« — Honra! honra! então se dois homens batem-se por terem uma rixa são considerados delinquentes, e se se ferem com uma espada ou com pistolas são honrados? Cala-te que és um tolo. »

Guilherme receioso d'irritar a seu pae callou-se e foi para seu quarto mal chegáram á casa.

Durante toda a noite o pobre Gil não dormio o que causou grande inquietação á Magdalena que foi por mais d'uma vez bater ao quarto de seu amo perguntando-lhe se soffria alguma cousa e precisava de seus serviços.

« — Obrigado Magdalena, respondia Gil, não tenho nada, passeio pelo quarto porque não posso dormir. »

Ella voltava para seu leito resmungando : aposto que n'esta falta de somno de meu amo anda um pouco de Larmim. Credo! antes nunca o encontrassemos. Desde a vinda d'esse homem aqui, não ha socego na casa. Santo nome de Jesus !

Logo que amanheceu, ella, como do costume, foi fazer uma chicara de chocolate e levou-a ao quarto de seu amo que já achou vestido e prompto para sahir.

« — Santa Barbara! disse ella ao entrar, vai sahir a esta hora? Ainda dura a excommunhão que o tal Senhor Larmim poz hontem n'esta casa? Aquelle homem é um pesadelo !

« — Hoje não quero chocolate, leve-o para o quarto do menino, e diga-lhe que o estou esperando para sahir.

« — Então meu amo vai sahir sem tomar nada, tendo passado a noite que passou? Tome sempre o chocolate em quanto eu vou chamar o menino.

« — Menino, menino, disse ella batendo no quarto de Guilherme, seu pae manda-o chamar para sahir com elle. Que será isto, meu Deus! O menino sabe dizer-me para onde é que elle vai a esta hora?

« — Vai, respondeu Guilherme, com a voz ainda meia presa pelo somno, servir de padrinho n'um duello.

« — N'um duello! Santo nome de Jesus! Pois elle se vai bater depois de velho?

« — Não, disse Guilherme já de todo acordado pelo espanto de Magdalena, quem se ha de bater é o Sr. Larmim.

« — Bem me dizia o coração, retorquio Magdalena, que era a sombra do tal senhor que dava tanto desassocego ao pobre de meu amo. Menino cuide em si! Olhe, não lhe fique muito perto em quanto durar a briga, porque duvido das boas intenções d'esse farçola. O susto que elle me pregou, e a nós todos, puzeram-me de sobre aviso.

« — Deixe estar, mãe Magdalena, disse Guilherme sahindo de seu quarto para ir ter com seu pae, eu farei o que me diz, mas nada tema, o senhor Larmim é um homem serio.

« — Serio !? disse ella indo para dentro, se elle o fosse não entraria nas casas alheias contra a vontade dos donos e dos criados.

Guilherme depois de pedir a benção a seu pae disse-lhe com um sorriso: não acha que é muito cedo para irmos á casa de seu amigo?

Sei que é cedo, mas como não pude dormir com a idéa de tel-o encontrado hontem para perdel-o hoje por uma falsa idéa de honra, quero passear primeiro para que o ar puro da manhã refresque-me a cabeça antes de lá chegar e tambem para sermos os primeiros a chegar e ver se ainda o posso convencer de não ir ao encontro da morte.

« — Mas quem lhe diz que elle será o vencido?

« — Tudo, pois elle é mais velho do que eu e seu adversario ha de ser moço por força, pois não creio que hajam dois velhos desmiolados como elle. Vamos. »

Pae e filho passeáram muito, até que faltando só meia hora para o emprazamento, entráram na casa do doido como chamava Gil a seu amigo á medida que a hora se aproximava.

Ao entrarem pelo portão ouvíram uma voz de mulher que cantava uma aria de *Linda de Chamounix*. O alegre andamento d'essa musica pareceu a Gil um insulto feito ao acontecimento que ia ter lugar n'essa casa cuja a apparencia nada trahia de triste.

« — Quem é que está cantando? perguntou Gil ao pagem que os veio receber.

« — É nhanhá Palmyra, disse elle.

« — Cantando quando seu pae tem de bater-se?! é singular.

« — Talvez que ella ignore o que vai acontecer, lembrou Guilherme.

« — N'esse momento entráram na sala e ella veio risonha recebel-os.

Pedio-lhes que se sentassem, e retirou-se dizendo que ia annuncial-os a seu pae.

« — N'essa mesma sala foram introduzidos os padrinhos do outro adversario e elle mesmo por fim, sem que nem pae nem filha viessem recebel-os. »

Nenhum d'elles pareceu extranhar essa circumstancia que muito contrariou a Gil por obstar-lhe de poder fallar a Larmim em particular antes da hora do combate.

Começáram alegremente a conversar, e o proprio adversario, homem de seus 35 annos de idade poz-se a cantar o hymno da victoria das armas brazileiras contra o Paraguay.

Gil escandalisado de tanto desapego á vida e vendo n'esse canto de victoria um máo agouro para seu amigo, disse em meia voz a Guilherme; estou em terra de mouros, eu não entendo a essa gente. A filha canta, o adversario canta tambem e conta com a victoria antes de começar, e todos os mais applaudem tudo isto! Só eu é que não vivo desde hontem.

Mal acabava de proferir estas palavras entrou Larmim na sala trazendo a Palmyra pela mão. Dirigio a todos um comprimento pela pontualidade com que se haviam reunido e chegando-se para Gil disse-lhe rindo: « Que é isso camarada? dir-se-hia que sahiste d'uma cova, ou que tens de ir para o cadafalso?

« — Larmim, disse Gil a voz muito abalada, eu quero fallar-te em particular.

« — Depois de acabar o duello, meu amigo, -antes d'isso não é possivel tratar-se d'outra cousa além do que te vou pedir : no caso que eu succumba no combate, peço-te a mão de teu filho para a minha Palmyra.

« — Juro de fazer o que me pedes, mas escuta...

« — Depois, depois amigo; vamos ao duello que está ficando tarde.

« — Em que lugar tens de fazer a tua loucura? perguntou-lhe Gil.

« — Aqui mesmo, respondeu Larmim.

« — Aqui?! exclamou Gil admirado, e aos olhos de tua filha... isso não pode ser.

« — Ella conta com a pericia de seu pae e sabe que não será vencido por isso vês como elle está tranquilla.

« — Gil, reprimio um gesto de indignação ao ver a indifferença com que Palmyra ouvia todos os preliminares do combate, e perguntou a seu amigo com que armas pretendia bater-se.

« — Com garfo e faca, respondeu Larmim e já antes que esfrie. »

Dizendo isto abrio a porta da sala de jantar aonde estava servido um esplendido almoço tendo em cada extremidade da mesa um grande prato de vatapá causador innocente dos tormentos porque passára Gil; pois o duello consistia em ver qual dos dois contendores comeria mais d'esse guisado.

Uma estrondosa gargalhada acolheu o espanto de Gil ao ver que estivera quasi a chorar por causa d'um prato de vatapá.

O almoço servio de festa d'esponsaes, pois outra não tinha sido a intenção de Larmim senão a de pedir para a sua Palmyra, a mão do sympathico Guilherme.

VICTORIA COLONA.

MOSAICO.

ANECDOTAS.

Um general que havia sido batido na Italia e na Allemanha achou uma manhã em cima de sua porta um quadro representando um tambor com a seguinte inscripção em baixo : *batem-me pelos dois lados.*

Um soldado, em meio estado d'embriaguez, insultou um capuchinho que passava tranquillamente sobre uma ponte, dando-lhe uma bofetada. Fiel ao preceito do Evangelho, o bom padre, offereceu-lhe a outra face, que elle igualmente esbofeteou. O capuchinho, que era homem vigoroso, tomou-o então pela cintura e lançou-o ao rio, que passava por debaixo da ponte dizendo : *O Evangelho recommenda de apresentar a outra face, mas não diz o que se deve fazer depois.*

Uma senhora, de meia idade, mas ainda muito bella, olhava-se com satisfação n'um espelho. Achando-se bonita disse para sua nora : Quanto darieis vós para possuir o meu rosto? — Tanto quanto darieis para ter a minha idade, respondeu a moça.

A mulher d'um litterato queixava-se amargamente que seu marido só se entretinha com os livros e descuidava tudo o mais. Eu quizera ser livro disse ella um dia, porque só assim pensarieis em mim..... é verdade minha cara, respondeu o marido, eu tambem desejára que o fosseis, porém que fosseis um almanak porque assim vos trocaria todos os annos.

Um roceiro, d'antiga tempera, mandando seu filho á côrte para estudar, recommendou-lhe a mais rigorosa economia.

O moço, em obediencia ás ordens paternas começa por informar-se do preço d'um boi : 100$000 reis foi-lhe respondido; e o preço d'um filhote de pombos? 640 réis. Decididamente, pensou o estudante, para fazer a vontade a meu pai só devo comer filhotes, visto serem mais baratos do que os bois.

A actividade, o amor ao trabalho, e a propensão para a chicana, dos habitantes do cantão de Basilea, na Suissa, são um adagio muito conhecido de todos. Sabe-se que ás vezes passam toda a má estação a chicanarem, o que os diverte extremamente.

Uma camponeza, d'esse cantão, a quem perguntavam um dia se o que ganhava era sufficiente para viver ella e sua familia, respondeu ingenuamente : « Graças a Deus não nos falta nada, e ainda nos sobra alguma « cousa, em cada anno, para uma demandasinha, com que alegrarmos « os dias da má estação. »

Os soldados da policia de Vienna recebêram um dia a ordem de prenderem todo aquelle que voltando para casa fizesse barulho, ou cantasse muito alto.

O barão T. voltando do theatro, vinha cantando uma aria que lhe havia agradado muito. Uma patrulha o encontra e prohibe-lhe de cantar, lembrando-lhe que deve voltar calado para sua casa.

« É justo, responde o barão, mas é que eu não volto para casa.

« Então o caso é outro, diz o chefe da patrulha, V. Excellencia pode cantar como quizer. »

N'um dos cantões da Suissa viajava um dia um homem a cavallo e vendo-se retido por uma cancella chamou um camponez que vio perto d'alli, lavrando suas terras, e disse-lhe em tom imperioso :

Abre-me a cancella.

Quem és tu, mais do que eu , para mandar-me assim? disse o camponez.

Eu sou professor.

E o que é professor ?

É um homem que sabe tudo.

Pois bem, se sabes tudo, has de saber abrir a cancella sem ser com as minhas mãos.

« Amigo, disse um fidalgo a um empregado do correio, não ha hoje cartas para mim?

Nenhuma, amigo, respondeu este.

Desde quando, se me faz favor, ha tanta familiaridade entre nós, perguntou o fidalgo offendido?

Desde que somos amigos, tornou-lhe o empregado. »

O cura d'uma aldeia sabendo que seu bispo andava em visita pastoral na diocese e que se dirigia para sua casa, foi ao seu encontro.

O bispo fel-o entrar no carro mas em vez de sental-o a seu lado, collocou-o no assento da frente ; o que bastante maguou o cura.

« Não é a vossa parochia, aquella que se vê d'aqui? perguntou-lhe o bispo.

« Sim, senhor, respondeu o cura.

« Não poderiamos tomar por este campo para encurtar o caminho ?

« Sim, senhor, tornou a responder o cura. »

Pouco depois d'entrar no campo indicado pelo bispo, o carro cahio n'um atoleiro o que obrigou o prelado a fazer a pé o resto do trajecto.

« Devieis conhecer melhor os caminhos da vossa parochia , senhor cura, disse o bispo com máo humor.

« Senhor, tornou-lhe o cura, isto aconteceu porque não estou acostumado a andar de costas. »

Um Suisso, rico, cuja casa fôra ha poucos dias incendiada, vendo-se procurado por um pobre homem, afim de pagar-lhe o juro d'uma somma que lhe devia, achou a occasião azada para praticar um acto de generosidade para com elle, sem offender-lhe a susceptibilidade, e por isso disse-lhe :

— Tu não me deves nada.

— E a summa de que vos passei uma obrigação? disse o devedor.

— Socega, amigo, o incendio devorou a cedula de meu credito.

O conde de X..., tido como muito rico, na vespera de seu casamento com uma rica herdeira, passeava na sala de sua futura sogra com ar extremamente preoccupado, o que levou a mãe da noiva a perguntar-lhe diversas vezes : o que é que tendes?

— Não tenho nada.

— Não é possivel, estais tão inquieto!

— Nada, minha senhora, absolutamente nada; respondia invariavelmente o conde, de cada vez que essa pergunta lhe era dirigida.

Quinze dias depois da celebração das nupcias, a sogra vendo affluirem os credores em casa de seu genro, disse-lhe admirada :

— Vós me illudistes, senhor!

— Senhora, lhe tornou elle, eu vos preveni na vespera do casamento, quando ainda era tempo de o desmanchar, não vos disse e affirmei por mais de vinte vezes que eu *não tinha nada, absolutamente nada?*

PAULINA PHILADELPHIA.

MODAS.

DESCRIPÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Primeiro vestuario. — Corpinho com abas ornadas de trancelins. Mangas com canhões. Vestido de *faille* azul guarnecido com fôlhos de duas côres. A frente é separada por um largo viez com trancelins. O avental é guarnecido com fofos orlados com *ruches* de côr mais escura. (*Ver a estampa de moldes.*)

Chapéo de veludo de dois matizes com plumas e fitas.

Segundo vestuario. — Vestido de *faille* escuro-encarnado guarnecido com largas *ruches*, separadas por tiras de veludo e formando avental. O resto da saia é guarnecido com tres fôlhos largos enfeitados com veludo. *Dolman* de cachemira irmanado, bordado com trancelins mais escuros. (*Ver o molde na estampa grande de moldes.*)

Chapéo de veludo côr de castanha, guarnecido com fitas, flores e plumas.

TRABALHOS.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS E TRABALHOS.

Nº 1. — *Moldura para photographias.* — O fundo é de veludo; os ornatos são de cobre lavrado e dourado. Para executar este trabalho, corta-se um pedaço de papelão do tamanho da moldura; cobre-se elle com veludo e forra-se com seda; porém, antes de coser-lhe o forro, é preciso coser os quatro ornatos nos angulos e o pequeno desenho que sustem a photographia. Para segural-os é preciso cosel-os com retroz côr de ouro; forra-se depois e fixa-se o pé que sustenta a moldura por alguns pontos passados nos

dois buracos do mesmo pé. Inutil é dizer que o dito pé se fixa do lado do avesso na parte superior da moldura e exactamente no meio. Este pequeno objecto é d'uma elegante simplicidade, do melhor gosto, e não leva mais d'uma hora para a sua execução.

Nº 2. — *Ventarola pequena.* Bordado indiano. Tira-se contraprova do desenho sobre papel transparente que se fixa por alguns pontos no avesso da fazenda que se quer bordar, e a obra toda se executa passando os pontos do lado do direito. Nosso modelo era de tafetá côr de rosa; o pavão de retroz azul e verde misturados; os olhos das pennas de retroz amarello e verde; o corpo egualmente de duas côres; os olhos pretos; o cocar amarello. Os ramos que formam a cercadura verde claro; as hastes encarnadas. Depois de acabado, estende-se o bordado sobre papelão, forra-se elle com seda, guarnece-se elle com um franjado pequeno e põe-se-lhe o cabo.

Nº 3. — *Vestuario para senhora já de idade.* O vestido arrastando é de *faille* muito encorpada e de côr de chocolate; um fôlho alto de 40 centimetros com pregas grandes postas a distancia umas das outras e sobre a cabeça das quaes passa um largo viez, enfeita esta saia. O mantelete é de cachemira: a roda do dito mantelete é bordada de retroz ao *passé* e representa uma leve grinalda: orla-se o tudo com um rico franjado. A forma do vestuario é muito larga atraz; o capuz muito comprido e ornado com borla, é forrado com sede. Um trançado de passamanaria com borlas irmanadas, fecha o mantelete na frente. As mangas muito abertas são tambem forradas com seda.

Nº 4. — *Trajo para meninas de* 7 *para* 10 *annos.* O vestido de setim de lã listrado branco e côr de malva; a polaca de cachemira côr de malva guarnecida com fitas de veludo côr de malva mais escura. Chapéo de feltro cinzento enfeitado com violetas.

Nº 5. — *Trajo para menino de* 6 *para* 9 *annos.* Jaquetinha e calça de panno fino azul *marinha.* Chapéo de feltro preto com debruns da mesma côr.

Nº 6. — *Tira para cortinas.* Borda-se sobre filó em ponto de serzido: as linhas que servem de moldura devem ser feitas com algodão mais grosso, o desenho com algodão mais fino. Alternam-se essas tiras com outras de cassa o que produz um effeito encantador.

Nº 7. — *Quarta parte d'um tapete de candieiro ao crochet.* O fundo é cheio e o desenho aberto: pode-se tambem fazer o fundo d'uma côr e o desenho de outra.

Nº 8. — *Vestuario para passeio.* Sete fôlhos guarnecem a parte trazeira da saia; o primeiro é formado pelas abas da casaquinha e faz na frente o effeito d'uma casaquinha regular com uma ponta aberta. Um ornato de passamanaria separa sobre o lado a guarnição de fôlhos, do avental da frente coberto com fofos. O canhão da manga é ornado com passamanaria; tres fofos separados por viezes de setim acabam a parte superior como a parte inferior da manga.

Nº 9. — *Chapéo para o inverno* de veludo preto. Reversos orlados com *faille* côr de rosa, com rolos da mesma côr. Renda preta. Fitas de chamalote preto e de *faille* côr de rosa. Raminhos de roseira brava e de bagas selvaticas.

Nº 10. — *Cercadura de vestido para criança.* Este trabalho se faz em ponto de *chainette.*

Nº 11. — *Desenho para pala do caliz.* Applicação de cassa sobre filó.

Nº 12. — *Lambrequim de applicação* ou em ponto de *chainette*. N'este ultimo caso os salpicos se fazem em ponto de serzido do lado avesso. Nosso modelo era de panno azul, com applicação de panno côr de *havane* escura, cosido em ponto de *chainette* com retroz *havane* muito claro : os raminhos da mesma côr : a orla que acaba o lambrequim, era de galão de seda *havane* escuro cosido com perolas douradas.

Nº 13. — *Collarinho e mangas Elvira*. A guarnição é de renda de Malinas, o fundo de seda branca; as cercaduras e laços de seda côr de rosa.

Nº 14. — *Modelo de chapéo para o inverno.*

Nº 15. — *Trajo para criança*. O vestido é de veludo de lã, branco. O bordado de largos trancelins côr de rosa; o cinto muito largo de fita da mesma côr. Chapéo de feltro branco com grande manta branca e côr de rosa.

Nº 16. — *Trajo para menina de* 6 *para* 11 *annos*. O vestido é de popelina com florzinhas; a polaca de panno cinzento claro; o collete de veludo preto assim como os ornatos guarnecendo os canhões da frente e das mangas. A parte trazeira da polaca não tem nem pregas nem *pouff*.

Nº 17. — Vestido de tafetá reseda. O collarinho, os canhões, a segunda casaquinha e os ornatos de tafetá azul côr de pavão claro; os viezes que orlam os fôlhos, as abas da casaquinha e os laços são de tafetá azul escuro. A saia semi-comprida é ornada na frente com oito fôlhos franzidos cortados a fio direito e orlados com um viez. Os fôlhos são collocados diagonalmente : são cortados de viez e orlados tambem com viezes. Sua altura é de dez centimetros. Um ornato termina sobre o lado a guarnição de fôlhos; o dito ornato leva laços collocados diagonalmente. Esta guarnição é repetida sobre o outro lado da saia. Corpinho-casaca com pontas na frente. Tres abas de casaquinha são sobrepostas : a da parte inferior quadrada no baixo forma reverso sobre o lado e segura ao pequeno lado das costas. A segunda menos larga pertence ás costas. A primeira é ajuntada e tem a forma d'uma algibeira. É preciso collocar por cima laços. Collarinho guarnecendo o pescoço e chanfrado em forma de coração. Laço na parte inferior. — Canhões e laço na manga meio ajustada.

Nº 18. — Desenho que poderia servir como molde se se quizesse fazer a polaca em lugar dos fôlhos.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

VERSO DA PRECEDENTE ESTAMPA DE BORDADOS.

Molde do corpinho bordado do primeiro figurino da gravura de modas.

Nº 1. — *Frente*. A prega se faz antes de principiar o bordado.

Nº 2. — *Costas*. A costura não vai além da lettra S.

Nº 3. — *Manga* que se corta em dois pedaços; a parte superior é marcada. O canhão que está desenhado no seu lugar se corta separadamente.

Nº 4. — *Desenho do bordado* do ornato (*quille*) da saia. Torna-se a repetir mesmo desenho em todo o comprimento.

Poderia-se substituir o bordado por passamanaria e seria tambem bonito. Nosso modelo era bordado em ponto de *chainette;* para executal-o, ver a explicação do bordado da estampa grande de moldes.

Nº 5. — *Alphabeto inglez*, cordãozinho e *plumetis*.
Nº 6. — *Outro alphabeto, plumetis*.
Nº 7. — Escudo que pode servir para esses dois alphabetos.
Nº 8. — Outro pequeno escudo para os mesmos.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA GRANDE DE MOLDES.

Molde do mantelete Dolman bordado do 2º figurino da gravura de modas.

Nº 1. — *Frente.*

Nº 2. — *Costas.* As costas se podem cortar d'um pedaço só; isto é sem a costura do meio ou em dois pedaços; podem-se fechar até em baixo ou ser abertas até a lettra N. Podem ser feitas assim indifferentemente conforme o gosto.

Nº 3. — Manga que se corta d'um pedaço só. A parte bordada é a superior; na parte inferior repetir-se-ha o mesmo bordado, querendo, ou deixar-se-ha ficar ella sem bordado algum.

Para executar este trabalho é preciso tirar contraprova do desenho sobre cassa que se alinhava ao avesso da fazenda que se deseja bordar, seguindo todos os contornos do desenho com retroz da côr da fazenda, de maneira que o desenho se reproduza exactamente do lado do direito. Cose-se-lhe em cima trancelim ou um galão de seda ou um pequeno galão napolitano. Este trabalho pode se fazer em ponto *chainette*, porém é mais bello bordado com cordãozinho. Nosso modelo era de cachemira côr de avelã bordado com cordãozinho muito mais escuro. Tambem ha que são cinzentos bordados com preto, e sobretudo pretos, bordados do mesmo e de todas as côres com bordado seja mais claro, seja mais escuro. Estes manteletes-dolmans serão de moda o inverno todo e na primavera elles hão de servir para o campo. Elles se levam para *toilette* de visita como para *toilette* de passeio. Nosso modelo é de muito bom effeito e não precisa de outra guarnição. Se se quizesse entretanto ajuntar um franjado por baixo dos dentes que o acabam, o effeito seria ainda mais rico e vistoso.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADO COLORIDO.

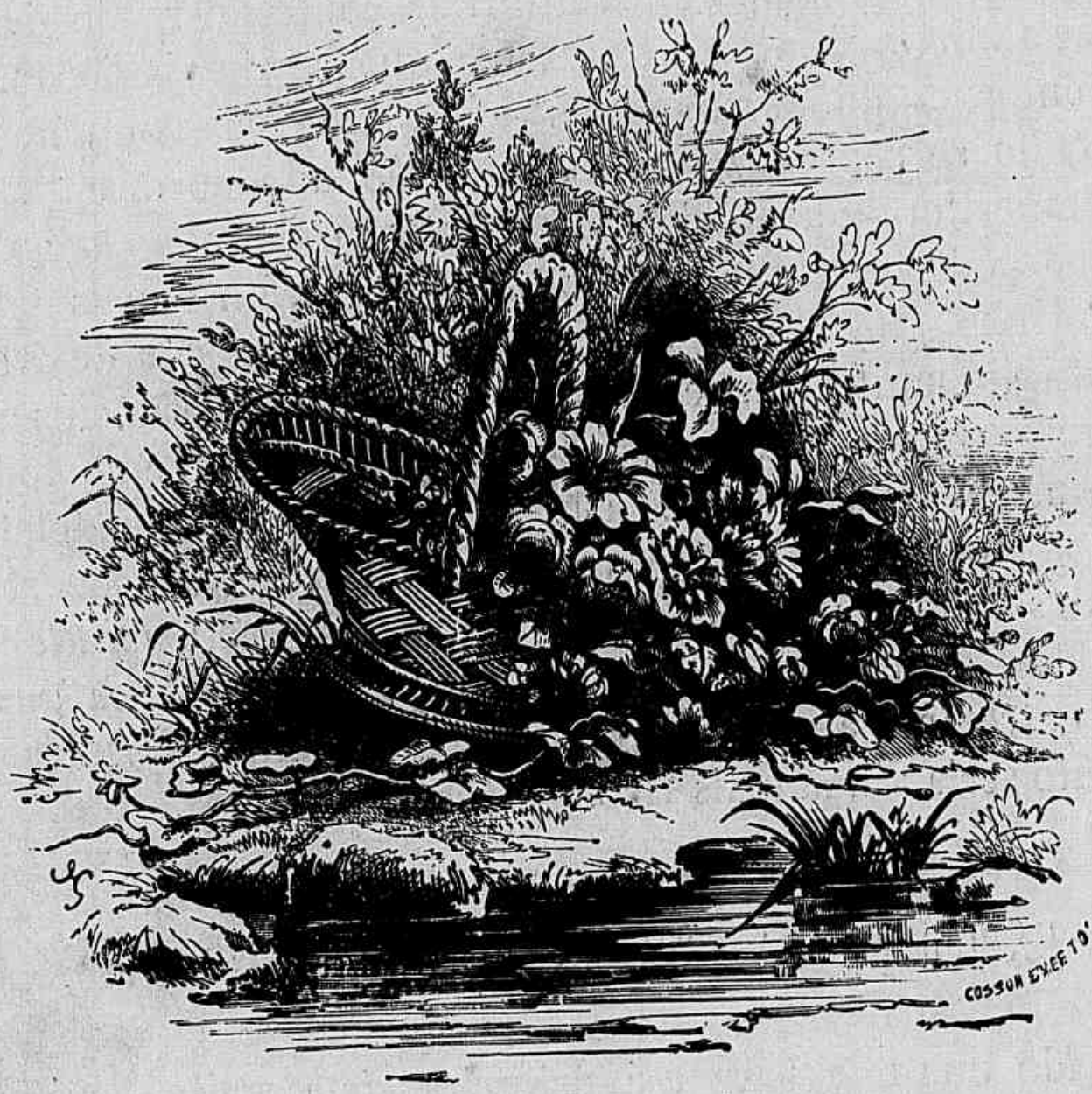
Este bordado que não parece á primeira vista muito bonito porque o fundo é embaciado demais, é muito lindo quando executado sobre um fundo mais brilhante e d'uma côr mais viva.

Pode servir para mocho, pouff, almofada para canapé, etc. Para executal-o é preciso tirar contraprova do desenho sobre cassa ou papel transparente: alinhaval-a ao avesso da fazenda que se deseja bordar de maneira que os contornos do desenho se reproduzam exactamente no lado direito da fazenda. Executar assim a obra em ponto lançado com cordãozinho de seda irmanado com as côres indicadas pelo desenho. A direcção dos fios do cordãozinho é indicada tão claramente que avistando o desenho não é possivel o não acertar, e executal-o com perfeição. Se poderá querendo, fazer um coxim quadrado bordando nos angulos um dos quatro cantos que lhe fazem cercadura. Estes cantos podem egualmente servir separadamente para fazer tape-

tes de candieiro ; quatro reunidos formam um desenho bonito e promptamente executado.

A tira que está na parte inferior da estampa é de applicação de cachemira ou de panno. Póde servir para poltrona, reposteiro, almofada, etc. As côres se podem trocar conforme o gosto e o trabalho executar-se seja em ponto *chainette* como no desenho, seja com trancelins de côr ou dourados, seja emfim em ponto de festão.

Para a almofada como para a tira, é preciso trabalhar com bastidor.



Paris — Typographia de G. Chamerot, rua dos Santos-Padres, 19.